

A Transmutação em Ciberpajé: Transmídia, Performance e Vida.

Edgar Franco¹

RESUMO

Este artigo apresenta o processo criativo da ação performática transmídia “Transmutação em Ciberpajé” capitaneada pelo artista multimídia Edgar Franco, envolvendo as múltiplas mídias em que cria e o seu processo como ser vivo. O universo ficcional transmídia da “Aurora Pós-humana” funciona como contexto de geração da performance - inspirado por possibilidades futuras dos avanços da tecnociência e por uma possível emergência transumana, além de aspectos tecnognósticos desse futuro hipertecnológico. A transformação envolveu a criação de uma história em quadrinhos como método ritualístico, a produção de uma música de base eletrônica e a incorporação definitiva da persona “Ciberpajé” nas performances híbridas multimídia do Posthuman Tantra, além do performer assumir a condição de Ciberpajé em eventos acadêmicos, na sala de aula, em seu currículo Lattes e na vida cotidiana.

Palavras-chave: Performance, Transmídia, Pós-humanismo, Ficção Científica, Música Eletrônica.

ABSTRACT

This article presents the process of creation of the performance “The Ciberpajé’s Transmutation” created by the multimedia artist Edgar Franco. It underlines the fictional transmedia universe known as Posthuman Dawn that is the background context for creation of this performance and was inspired by possible future advances of technoscience, the possible transhuman rise and technognostic aspects of such hypothetical future. The transformation involved the creation of a comic as ritualistic method, the production of an electronic-music and the definitive incorporation of the persona “Ciberpajé” in the multimedia performances of Posthuman Tantra. The performer also assumes the condition of “Ciberpajé” in academic events, in the classroom, and in everyday life.

Key words: Performance, Transmedia, Posthumanist, Science Fiction, Electronic Music.

¹ Ciberpajé, artista multimídia, quadrinhista premiado com o troféu Bigorna 2009, pós-doutor em Arte e Tecnociência pela UnB/Brasil, doutor em Artes pela USP/Brasil, mestre em multimeios pela UNICAMP/Brasil, professor permanente do Programa de Pós-graduação – mestrado e doutorado – em Arte e Cultura Visual da UFG - Universidade Federal de Goiás/ Brasil. Autor dos livros *HQtrônicas: Do Suporte Papel à Rede Internet* (Annablume/Fapesp, 2008) e *Histórias em Quadrinhos e Arquitetura* (Marca de Fantasia, 2012). E-mail: oidicius@gmail.com

As Origens do Ciberpajé.

Escreverei esse artigo em um tom confessional, procurando abrir o leque de significados de minhas ações artísticas no contexto de minha vida, tornando-o também um exercício auto-reflexivo sobre a minha recente condição declarada de Ciberpajé. Para sua construção aproveito, inclusive, trechos de algumas entrevistas que dei logo após ter me declarado Ciberpajé. Desde muito cedo meu pai me envolveu com narrativas, antes de começar a falar eu já ia ao cinema com ele assistir animações da Disney, ele comprava livros de histórias infantis e lia para mim sempre.

Já na infância fascinei-me por esses mundos ficcionais e minhas brincadeiras mais remotas já envolviam a criação de mundos e histórias fantásticas. De certa maneira isso me tornava mais isolado, porque as crianças de minha classe social não tinham tanto envolvimento com narrativas, as brincadeiras eram mais tradicionais – não que eu não brincasse também de pique-pegas, pique-esconde e todas essas outras brincadeiras mais físicas, mas eu estava sempre inventando histórias e nem sempre as outras crianças estavam interessadas nisso, portanto aprendi a conviver bem com certa solidão e a transformar o mundo em um lugar meio mágico.

Eu me lembro claramente de ter transformado em sítios fantásticos muitos dos lugares em que eu caminhava sozinho. Com 6 anos de idade e morando em uma casa nas proximidades do frigorífico em que meu pai trabalhava no município de Ituiutaba (MG), eu caminhava sozinho na mata, mesmo sendo meninote, minha mãe só me avisava para não ir ao rio Tijucu pois era perigoso. Lembro-me de um lugar com muitas pedras que eu amava, e eu chamava de meu castelo, ia pra lá sozinho e brincava de estar num belo castelo. Quando voltamos pra cidade, eu tinha 7 anos, e me lembro de, enquanto estavam colocando a mudança no caminhão, eu fazer uma última caminhada pela mata próxima e ir até essa pedreira, despedir-me do meu castelo com muita tristeza.

É importante dizer que durante o ano de 1975 meu pai foi transferido para a cidade de São Paulo e vivemos pouco mais de um ano por lá. Foi um período marcante, pois entrei na minha primeira escola, chamada “O Foguetinho”, no bairro de Pinheiros, onde residíamos. Nessa época, meu pai que sempre gostou do campo, me levava pra passear no campus da USP que ficava próximo. Segundo ele, um dia perguntei que lugar era aquele e ele respondeu: “- É uma escola!” Sem titubear eu falei: “- Um dia vou estudar aqui!” No ano de 2002 quando soube o resultado da seleção e ingressei no Programa de Doutorado em Artes da ECA/USP, a primeira coisa que fiz foi ligar pra ele e dizer que eu estava agora estudando lá, como havia dito. Meu pai só respondeu que sempre soube disso: “- A palavra tem poder”, disse ele.

No ano de 1975 também ganhei meu primeiro animal de estimação, um gato persa que chamei de Tom. A minha relação de amor pelos animais, que já existia, vai se intensificar profundamente a partir desse ponto. No retorno à Ituiutaba, fui estudar em um colégio tradicional da época, meu pai queria uma educação de qualidade e resolveu sacrificar-se e pagar o colégio mais caro da cidade, Instituto Marden. Fiz o

pré-escolar por lá e fiquei lado a lado com filhos da burguesia da cidade, meninos de classe mais alta, a maioria filhos de ruralistas da região. Curiosamente eles também não tinham o contato que eu tinha com gibis, cinema, histórias infantis e narrativas fantásticas, pois eram filhos de burgueses iletrados.

Nessa época minhas brincadeiras sempre envolviam histórias fantásticas, resíduos do que eu lia, via, ouvia misturados com minhas criações e reinterpretações. Sobre isso vou destacar duas histórias curiosas, a primeira delas diz respeito a um certo poder retórico que já aparecia na infância e que usava de forma divertida e subversiva, pois eu conhecia muitas histórias fantásticas e recriava-as ao meu modo, já os meus coleguinhas adoravam histórias, mas conheciam pouco delas.

O primeiro fato aconteceu no pré-primário, eu ia de perua Kombi pra escola, o Bizinoto – funcionário do frigorífico que fazia entregas na cidade - me levava e me buscava. Muitas vezes no retorno ao frigorífico ele tinha que passar em armazéns na saída da cidade para comprar mantimentos solicitados pelas pessoas da vila. Eu descia com ele. Numa dessas vezes eu fiquei fascinado com um saco de feijão a granel que tinha feijões amarelos, eu nunca tinha visto feijões daquela cor, eram raros naquele tempo. Sem que ninguém visse, fui lá e peguei 3 feijõezinhos e os guardei no bolso. Imediatamente imaginei que eram feijões mágicos e por serem amarelos inventei uma história de que eles cresceriam e dariam um pé em que os frutos seriam pepitas de ouro. No outro dia coloquei os feijões no meu estojo de lápis e na hora do recreio mostrei-os pra um colega meu, não vou citar o nome – mas atualmente ele é um advogado conhecido em minha cidade natal – e contei a história que tinha inventado, que eram feijões mágicos, ele que também nunca tinha visto feijões daquela cor acreditou na história e perguntou se eu poderia dá-los a ele, eu propus uma venda, daria os 3 feijões pelo dinheiro do lanche, ele topou na hora! Bem, eu era muito esperto, sabia que aquilo ali poderia dar problema, então não gastei o dinheiro, guardei. No outro dia a diretora ligou pras nossas mães e o resultado óbvio foi que tive que devolver o dinheiro. Mas eu não me importei, na verdade o que eu adorei foi ter feito o meu colega entrar no jogo de minha fantasia e jogar comigo, acreditar no mundo mágico que eu havia inventado, isso não tinha preço.

A segunda história aconteceu quando eu estava no segundo ano da escola primária, infelizmente o colégio particular que estudávamos, o Instituto Marden, fechou quando concluí o primeiro ano primário e com a inexistência de outro colégio naqueles moldes tanto eu quanto os meus colegas de classe mais alta tiveram que migrar para um colégio público, considerado o melhor colégio público da cidade à época, a Escola Estadual João Pinheiro. Aos oito anos eu era um leitor voraz de quadrinhos, ia sempre ao cinema com meu pai e continuava fascinado por mundos de fantasia, tive alguns amigos imaginários, sempre criaturas fantásticas, já gostava muito de desenhar e comecei a desenvolver um fascínio crescente por histórias de horror e ficção científica. Bem, eu vivia contando histórias fantásticas pros colegas, meninos e meninas e o fato curioso é que consegui convencer por alguns meses um colega de sala, filho de um superior de meu pai no frigorífico, de que eu era um extraterrestre, a história tinha mínimos detalhes, como objetivos de minha vinda à Terra, características de meu planeta e eu passava horas imaginando detalhes para dizer a ele, mas eu pedia pra que nunca revelasse a ninguém minha história, isso durou uns 3 meses, até que ele resolveu contar a história para os pais e me desmascararam. Eu era um menino como

outro qualquer, jogava futebol, tinha muita energia física, mas o que mais gostava - e isso avançou para o processo criativo de narrativas com o passar dos anos - era criar mundos fantásticos, isso era pura diversão para mim.

É importante resgatar também um episódio muito divertido de minha infância, que se relaciona com minha futura condição de performer, e que minha mãe gosta de contar para as pessoas. Quando eu tinha 11 anos de idade – e durante minha infância toda – parte da atividade de criar mundos que eu realizava cotidianamente e que já envolvia o desenho e as narrativas, também envolvia o desejo de me fantasiar, então eu comumente usava roupas velhas, trapos, partes de brinquedos para criar fantasias e vesti-las. Certa feita eu me fantasiiei como um índio, usando penas de pombo e uma série de apetrechos. Eu gostava da figura do “feiticeiro da tribo”, que era um “mago” poderoso, e improvisei um chocalho e estava brincando no quintal. Totalmente absorto no meu mundo. Chegou em casa um parente, primo em segundo grau de meu pai, minha mãe não o via há anos. Ele se sentou na sala e ficaram conversando, minha mãe foi avisar que eu tinha que ir vê-lo, mas eu estava curtindo muito a brincadeira e não queria por nada ir até a sala. Essa sala tinha uma grande janela de madeira que dava para a lateral da casa, fácil de acessar pelo quintal, resolvi então não parar a brincadeira e ir até a janela em minha fantasia para cumprimentar o visitante como um pajé! Cheguei à janela e olhei para ele com gestos tribais e fiz um cumprimento monossilábico, algo como um “hoo heei”. E saí da janela e voltei a brincar. Bem o fato hilário da história que a tornou importante foi que o visitante, imediatamente após me ver, interrogou minha mãe: “- Coitado, ele tem problemas mentais, não é?” Minha mãe ficou indignada e respondeu-lhe que não, que eu era um dos melhores alunos da sala e etc. Depois que ele foi embora, eu fui repreendido por minha mãe irritadíssima, ela falou mais ou menos assim: “ – Edgar, você fica com essas bobagens e micagens suas aí e o nosso parente pensou que você tem problemas mentais! Não faça isso mais!” Eu nem liguei, e me lembro de meu pai dar muitas gargalhadas com a história. Bem, quando minha mãe me viu “fantasiado” para as performances do Posthuman Tantra, imediatamente ela lembrou do episódio e conectou o Ciberpajé de hoje, àquele menino fantasiado. No fundo existe uma essência nos dois que é a mesma, e ao me fantasiar e realizar as performances eu resgato a capacidade de mergulhar também - com meus gestos e meu corpo inteiro - nos meus mundos criativos.

A Aurora Pós-humana e A Declaração de Ciberpajé.

As narrativas chamadas transmídia (Henry Jenkins, 2009, p.138) são aquelas que se desenrolam em múltiplas plataformas midiáticas, cada uma delas contribuindo distintamente para o contexto geral. Jenkins ainda destaca que estamos “numa época em que poucos artistas ficam igualmente à vontade em todas as mídias” (2009, p.139), reafirmando sua crença no caráter compartimentado da geração de produtos de entretenimento da industrial cultural mesmo no contexto da chamada cultura da convergência. No entanto, como artista multimídia, estou interessado em desenvolver poéticas autorais desconectadas de uma obsessão mercadológica e consumista. Com isso um dos objetivos de minhas obras é burlar a perspectiva compartimentada das narrativas transmidiáticas no contexto da indústria cultural e tentar produzir trabalhos artísticos que utilizem as mesmas estratégias transmídia, mas com objetivos poéticos e de auto-expressão.

Para isso criei o universo ficcional transmídia da “Aurora Pós-humana” - um *work-in-progress* desenvolvido por mim desde o ano 2000, e para o qual já realizei obras artísticas em múltiplos suportes - é o meu esforço pessoal de levar as narrativas transmidiáticas para o contexto da arte. Minha obra nas múltiplas mídias toma como base esse universo de ficção científica. A base conceitual desses trabalhos é o “deslocamento conceitual”, conceito definido por P. K. Dick (apud QUINTANA, 2004). Em minhas múltiplas criações desloco o tempo, a gnose e a tecnologia para um futuro hipotético para, na verdade, tratar de questões contemporâneas. A “Aurora Pós-humana” é um universo ficcional futurista criado por mim inspirado por artistas, cientistas e filósofos que refletem sobre o impacto das novas tecnologias: bioengenharia, nanotecnologia, robótica, telemática e realidade virtual sobre a espécie humana. Para sua criação também me inspirei no reflexo desses questionamentos na cultura pop, com o surgimento de filmes - eXistenZ, Matrix, 13º Andar, Gattaca, Avatar - e de seitas como as dos Imortalistas, Prometeístas, Transtopianos e Raelianos. Esses últimos, por exemplo, crêem na clonagem como possibilidade de acesso à vida eterna, nos alimentos transgênicos como responsáveis futuros pelo fim da fome no planeta, e na nanotecnologia e robótica como panacéia que eliminará o trabalho humano, liderados pelo pseudo-guru Raël, um hedonista que constrói todo seu discurso a partir das previsões mais otimistas da ciência, baseando seu pensamento em afirmações messiânicas controversas.

A minha transmutação em Ciberpajé, envolve aspectos performáticos, sobretudo nas performances híbridas realizadas pelo meu projeto musical performático Posthuman Tantra, performances que envolvem: vídeos, aplicações computacionais em RA (realidade aumentada), mágica eletrônica, figurinos exclusivos e ações artísticas criadas anco em parceria com os integrantes do grupo de pesquisa CriaCiber – Criação e Ciberarte, da FAV/UFG. Os efeitos computacionais em realidade aumentada dão um caráter híbrido às performances, pois criam “ambientes híbridos - que integram simultaneamente o real e o virtual” (Lúcia Leão, 2004, p. 165), remontando os rituais de pajelança de alguns pajés que conectam o mundo dos espíritos ou dos totens animais ao mundo real.

Para mim a figura do pajé é fascinante, ele tem a capacidade de conectar-se diretamente com a natureza para modificar a realidade, ela mistura os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentais ao mundo “real” e eles conseguem reestruturar a realidade misturando esses mundos. Ele é alguém que busca a cura, busca a harmonia, o equilíbrio. Então eu me espelho no pajé, ou xamã, como preferem alguns. Eu sou um ser que crio cosmogonias, mundos ficcionais e tenho utilizado gradativamente esses mundos para modificar a minha realidade. Através da mixagem de meus mundos com o pretérito mundo real, eu reconstruo minha realidade, e eu procuro tornar-me um ser integral, e através do amor incondicional disseminar a capacidade que cada um tem de se autocurar. Nesse caso o Ciberpajé utiliza a conexão entre os mundos ficcionais e o mundo real para ampliar a sua empatia diante do outro, e também para perceber sua multiplicidade interior e ter a coragem de “ser”, de ser eu mesmo.



Figura 1 - O Ciberpajé em performance do Posthuman Tantra (Foto de Anésio Neto)

Eu tenho uma teoria sobre a criação de mundos ficcionais: muito dificilmente um criador de mundos ficcionais irá promover a guerra. Quando você cria um mundo, uma cosmogonia, você tem que usar empatia, tem que colocar-se no lugar do outro, pensar como ele poderia estar pensando naquela situação, e isso nos torna menos dogmáticos, mais receptivos à visão de mundo dos outros, mais solidários, menos autocentrados e egocêntricos. Imagine você que na trilogia em quadrinhos BioCyberDrama, roteirizada por mim e desenhada por Mozart Couto, eu criei cerca de 100 personagens, e eu tive que imaginar cada um deles, a visão deles dentro da situação que experienciavam, como se portariam segundo seu histórico de vida, suas personalidades, sua forma física, eu tive que vivenciar esses quase 100 papéis, fui um pouco de todos eles, desdobrei-me. A cada nova criação me sinto mais tolerante para com as pessoas em geral, menos presunçoso, a minha empatia cresce no mundo real na medida em que surgem novas personagens em meu mundo ficcional. Eu sugiro aos educadores uma disciplina obrigatória chamada “Criação de Mundos Ficcionais” que deve ser ensinada em todas as séries dos ensinamentos fundamental e médio, considero uma disciplina como essa tão importante quanto matemática e português.

O prefixo ciber, da cibernética, foi agregado ao pajé porque ele denota a conexão e troca de informações entre seres vivos e seres vivos, mas também entre seres vivos e máquinas, ele incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios mágicos de conexão entre mundos que o ciberpajé promove.

Eu me declarei Ciberpajé no dia 20 de setembro de 2011, descrevendo o meu renascimento através de uma contagem regressiva diária, baseada em 10 chaves que significam valores importantes para mim nesse momento. Essas chaves foram criadas

e fixadas em meu corpo renascido através do ritual de desenhá-las, capturando sua forma em minha visão cosmogônica.

Na manhã do renascimento eu compus e gravei um ritual que considero minha declaração de “Ciberpajé”, e a partir de então assumi também a identidade de Ciberpajé nas performances do Posthuman Tantra. A música ritualística que celebra o meu renascimento foi gravada em um único take na manhã de 20 de setembro de 2011, dia que marcou minha transmutação.

Incluo aqui o link do single com o ritual de renascimento "Ciberpajé" do Posthuman Tantra:

<http://www.megaupload.com/?d=ILWL2YWH>

A faixa pode também ser ouvida no youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=8Jc2jjDt7OE>



Figura 2 – Ilustração de capa do single “Ciberpajé”, arte de Edgar Franco.

Eis aqui o texto das “10 Chaves da Transmutação em Ciberpajé”, que foram transformadas em uma história em quadrinhos publicada no número 6 de minha revista solo “Artlectos e Pós-humanos” (Editora Marca de Fantasia, 2012):

Ciberpajé 1 - O SERENO - Ser humilde & sempre sereno diante de reis e de mendigos, de flores e de leões.

Ciberpajé 2 - O MOMENTO - Viver o Agora, deixar florescer o momento: a flor que desabrocha, a borboleta que rompe o casulo, ser como uma borboleta.

Ciberpajé 3 - O EQUILIBRADO - Encarar a importância do mal tanto quanto a do bem, são faces da mesma moeda, paradoxos que dão sentido à verdade! Ter serenidade para lidar com a dor e com a alegria.

Ciberpajé 4 - O SINCERO - Dizer o que se pensa sempre para o outro, ser aberto, demonstrar suas fragilidades, não acumular raiva, não gerar tristeza.

Ciberpajé 5 - O DELICADO - Cultivar a delicadeza e a doçura com todos os entes vivos e não vivos.

Ciberpajé 6 - O AMOROSO - Amar o diferente, amar incondicionalmente!

Ciberpajé 7 - O SELVAGEM - Reconectar-se ao animal interior, aos aspectos naturais do ser. Abrir-se para os prazeres terrenos. Viver o prazer sem culpa, experimentar os êxtases da vida!

Ciberpajé 8 - O COMPLEMENTAR - Vivenciar masculinidade e feminilidade com intensidade, perceber a importância da complementariedade masculino e feminino, abrir-se a ela. Ir ao encontro do ser complementar sem apego, com amor, sensualidade e liberdade.

Ciberpajé 9 - A RENOVAÇÃO - Experimentar todo momento como único, cada segundo é um novo nascimento, um maravilhar-se! O agora é pura eternidade!

Ciberpajé 10 - O RENASCIDO - Aceitar-se completamente, ser como luz, perceber a eternidade em si mesmo, sentir a profunda conexão com todas as coisas e seres.



Figura 3 – Ilustração criada para a sexta chave “O Amoroso”, arte de Edgar Franco.

O Ciberpajé: Arte e Vida

O meu renascimento como Ciberpajé foi mais do que uma ação performática transmídia perpetrada nos múltiplos meios artísticos em que crio, pois após a declaração eu assumi minha nova identidade de Ciberpajé 24 horas por dia, trazendo essa nova condição para o meu dia a dia, transformando o ato performático em vida. Isso envolve eu me apresentar como Ciberpajé nos múltiplos ambientes reais e virtuais pelos quais trafego, congressos e eventos acadêmicos, entrevistas para veículos de mídia diversos, na sala de aula como professor, no Facebook, Orkut, no currículo Lattes, etc.

Cultura/Lazer

Paraíba ■ Sexta-feira, 02 de março de 2012 C3

Edgar Franco, mestre da HQ, autografa 2 obras suas hoje

Quadrinhos poético filosóficos falam sobre criação de outros mundos

ASTIER BASÍLIO

Artista se intitula 'ciberpajé'

Para o quadrinista, "Poe foi um poeta dos horrores da alma, horrores que precisam ser vividos, pois só podemos vivenciar a luz real se conhecermos o mais profundo abismo. Quanto aos cineastas citados, sobretudo Cronenberg, eles trabalham o contexto da interpenetração entre humano e tecnologia, da biotecnologia à nanorrobótica, eles explicitam de forma metafórica os processos evolutivos da nossa espécie que estão migrando do gene (informação genética/DNA) para os memes (informação genética pura)".

A obra de Edgar Franco busca retratar as possibilidades de reconexão com nossa dimensão natural e universal, "algo que

se perdeu com o avanço da tecnologia até o fim do século XX, e que agora pode, paradoxalmente, com o desabrochar de novas tecnologias da consciência nos mundos da virtualidade digital, promover esse resgate de nossa dimensão cósmica. Parte desse ideário justifica o meu renascimento recente como Ciberpajé pois em minha obra crio cosmogonias, mundos ficcionais e tenho utilizado gradativamente esses mundos para modificar a minha realidade".

Segundo o artista, através da mixagem de seus mundos com o pretensão mundo real, ele reconstrói sua realidade buscando simplesmente ser ele mesmo. "O prefixo ciber, da cibernética, foi

agregado ao termo pajé porque ele incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios mágicos de conexão entre mundos que o Ciberpajé promove".

Quando começou a desenhar, Edgar evitou fazer cópia de outros desenhistas. Isto contribuiu, de modo decisivo, na concepção de um traço autoral e singular, alçando-o, posteriormente, à condição de criador de mundos. "Sim, penso que o fato de me negar a copiar modelos de desenho, ou outros artistas, algo que nunca fiz, permitiu um desenvolvimento mais natural do meu desenho dando a ele algumas características peculiares".

Figura 4 - Matéria no jornal "Correio da Paraíba" (2 de março de 2012), destacando minha nova condição de "Ciberpajé".

O primeiro evento acadêmico em que me apresentei como Ciberpajé foi o "V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual" da Faculdade de Artes Visuais da UFG, que aconteceu em junho de 2012. Durante minha comunicação no grupo de trabalho "Narrativas" apresentei minha HQ, um dos produtos transmídia de minha transmutação em Ciberpajé, e declarei-me Ciberpajé diante do público acadêmico presente. As reações foram diversas e um dos presentes perguntou-me como é ser Ciberpajé no âmbito da academia e o que isso significava.

A segunda vez que me declarei Ciberpajé em um congresso acadêmico foi no “II Encontro Nacional de Pesquisadores de Quadrinhos”, na UFPE, em Recife, em julho de 2012. Um dos colegas presentes ressaltou que admirava a minha "cara de pau" de declarar-me Ciberpajé no âmbito da academia, um espaço difícil e cheio de preconceitos de base teórica e retórica. Uma colega pesquisadora inteligente e sensível ouviu de um dos presentes na platéia: "Como assim ele se tornou ciberpajé? como ele pode fazer isso? é só ele dizer que é e se torna?" Ao que prontamente respondeu com sagacidade: "Qual o problema dele se declarar ciberpajé? Ele quem criou isso (o termo e o que significa) e tem legitimidade (capital simbólico) para se instituir como tal e muitas pessoas assinam embaixo".



Figura 5 – Edgar Franco apresentando-se como o Ciberpajé no “II Encontro Nacional de Pesquisadores de Quadrinhos”, na UFPE, Recife (Foto de Natânia Nogueira).

O professor pós-doutor em artes, Elydio dos Santos Neto, em seu livro “Os Quadrinhos Poético-filosóficos de Edgar Franco” (2012), destaca, em entrevista realizada comigo, a transmutação em Ciberpajé como elemento fundamental de minha trajetória humana e artística. Na minha nova condição de Ciberpajé, eu ainda acredito na capacidade da espécie humana em reverter um quadro de entropia iminente. Eu amo minha espécie, eu adoro os seres humanos, acho que somos uma das criações mais belas do universo, somos a maior das licenças poéticas do cosmos e merecemos alcançar nossa total plenitude como espécie. Vejo que nos desconectamos gradativamente de nossa percepção de que somos entidades naturais, parte integrante da natureza viva e do cosmos. Os processos de racionalização, de elevação da mente, da lógica e da objetividade nos distanciaram de uma visão holística, pois a mente é individual, o coração é coletivo, a mente não pode amar, só o coração. Assim a gradativa valorização da mente, da razão, processou na humanidade uma desconexão completa do todo, e uma elevação do ego, do egoísmo. As pessoas passaram cada vez mais a não se preocuparem com o bem do semelhante, dos outros seres vivos, do cosmos.

Se você se vê como uma entidade desconectada, sem ligação nenhuma com nada, você irá cuidar só de si mesmo e quando muito dos entes próximos que lhe garantem

também certo aconchego e segurança. Com essa visão você torna-se frio, ávido por poder, status, você elege valores que nunca conseguem ser preenchidos, você se torna medroso, temeroso, pois todos os outros se tornam inimigos e seu objetivo é vencê-los, sobrepujá-los. A teoria da “Evolução das Espécies” de Darwin (2010), da sobrevivência do mais apto, é um reflexo desse ódio pelo outro, apresentando a natureza como uma correria desenfreada para dominar e sobrepujar. Prefiro a visão da teoria de “Gaia” do biólogo James Lovelock (2006), que apresenta a biosfera como um sistema vivo em profunda simbiose que promove sua gradativa evolução, a cooperação entre as múltiplas espécies permite seu desenvolvimento.

Muitas pessoas realmente amorosas e puras de coração têm investido na retomada das dimensões cósmicas e naturais do ser e isso não implica uma negação da tecnologia e sim dos valores egóicos que regem o mundo capitalista. Espero que a nossa linda espécie consiga reverter a tempo a tendência à autodestruição e que realizemos nosso potencial transcendente. Como pós-humanista e Ciberpajé, sabendo de minhas limitações e falhas, procuro dar uma pequena contribuição para reverter a entropia da espécie humana.

Referências Bibliográficas:

DARWIN, Charles. *A Origem das espécies*, São Paulo: Martin Claret, 2010.

FRANCO, Edgar Silveira (Org.). *Desenredos: Poéticas Visuais e Processos de Criação*. 6. ed. Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2010.

FRANCO, Edgar Silveira. “Artlectos e Pós-humanos”, número 6, revista em quadrinhos, Editora Marca de Fantasia, João Pessoa, março de 2012.

_____. “Processos de Criação Artística: Uma perspectiva transmidiática.” In: Edgar Franco. (Org.). *Desenredos: poéticas visuais e processos de criação*, Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2010, p. 107-130.

FRANCO, Edgar Silveira (Org.). *Desenredos: Poéticas Visuais e Processos de Criação*. 6. ed. Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2010.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*, São Paulo: Aleph, 2009.

LEÃO, Lúcia. “Cibernarrativas ou a arte de contar histórias no ciberespaço”. In *Derivas: cartografias do ciberespaço* / Lúcia Leão, organizadora. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

LOVELOCK, James. *A Vingança de Gaia*, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

QUINTANA, Haenz Gutiérrez. “Os Discursos da Ciência na Ficção”, in: *Revista On-line Com Ciência* (Tema: Ficção e Ciência, nº 59, outubro), Url: <http://www.comciencia.br/reportage.shtml>, 2004.

SANTOS NETO, Elydio dos. *Os Quadrinhos Poético-filosóficos de Edgar Franco: Textos, HQs e Entrevistas*, João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.